

**BREVE ANÁLISE DO DISCURSO LITERÁRIO:  
REVISITANDO OS CONCEITOS DE *KLÉOS*,  
MEMÓRIA E ESQUECIMENTO NA POESIA HOMÉRICA**

*Ana Carolina da Silva Henriques* (UFRJ)

[anacarolinahenriques92@hotmail.com](mailto:anacarolinahenriques92@hotmail.com)

*Danielle Reis Araújo* (UFRJ/CNPq)

[daniellereisaraujo@gmail.com](mailto:daniellereisaraujo@gmail.com)

*João Paulo da Silva Nascimento* (UFRJ)

[jpn0401@gmail.com](mailto:jpn0401@gmail.com)

**RESUMO**

Este breve ensaio tem por finalidade discutir sucintamente os conceitos de glória (*kléos*), memória e esquecimento na poesia homérica. Para tanto, parte-se da análise da expressão dessas ideias na *Ilíada* e na *Odisseia*, dada a distinção pressentida entre essas duas obras no que se refere às figuras de Aquiles, o herói da *Ilíada*, e Odisseu, o herói da *Odisseia*. Para embasar a discussão, leva-se em consideração definições pontuais a respeito de determinados recortes e contribuições teóricas de estudiosos da área da historiografia e literatura gregas, dentre os quais se destacam Ana Gabrecht (2009) e Jean Pierre Vernant (1979). Por fim, comparam-se máximas recorrentes no enredo homérico de modo a revistá-las teoricamente, na medida em que se tece o ensaio.

Palavras-chave: *Ilíada*. *Odisseia*. Glória do herói.

**ABSTRACT**

This brief essay aims to briefly discuss the concepts of glory (*kléos*), memory and forgetfulness in Homeric poetry. To this end, the analysis of the expression of these ideas in the *Iliad* and the *Odyssey*, given the distinction between these two works concerning the figures of Achilles, the hero of the *Iliad*, and Odysseus, the hero of the *Odyssey*, is analyzed. In order to support the discussion, it is necessary to take account of specific definitions of certain clippings and theoretical contributions of scholars in the field of Greek historiography and literature, such as Ana Gabrecht (2009) and Jean Pierre Vernant (1979). Finally, recurrent maxims are compared in the homeric plot in order to review them in theoretical revision, as the text is weighed.

Keywords: *Iliad*. *Odyssey*. Literature grega. Glory of the hero.

A tradição literária grega evoca um legado que tem como principal respaldo a perpetuação de suas imagens à luz do que se pode chamar de memória. Essa concepção de vida, que aponta o esquecimento como motivo de maior desonra, à qual os gregos poderiam ser submetidos, por sua vez, traz à tona a questão relativa a conceitos aqui apresentados como dois

extremos: o *kléos* (κλέος), entendido como a glória portata pelo herói.

Nos termos de Ana Gabrecht (2009), “não há *kléos* (glória) senão cantada. O herói homérico não luta e morre esperando obter recompensas em uma outra vida, mas busca a glória celebrada na poesia épica”. Assim sendo, observa-se que a tríade entre *kléos*, memória e esquecimento fundamenta ideários sólidos da condição cultural transcendental da civilização grega, sobretudo pelo observável na poesia homérica, em que esses conceitos perpassam o enredo da *Ilíada* e da *Odisseia* – na primeira, focando o valor da glória por trás da bela morte; na segunda, na proposição de reiteração dos princípios inaugurados na *Ilíada*.

Manter o foco da análise nos clássicos homéricos, *Ilíada* e *Odisseia*, obriga-nos, inicialmente, a uma sucinta descrição de seus respectivos contextos pontuais no que diz respeito ao *topos* literário que essas duas obras constroem, visto que a própria busca pela eternização dos heróis protagonistas por meio da honra marca a forte importância desse legado para os gregos. Assim, isso implica dizer que nesse aspecto a poesia homérica expõe o pulsante da máxima introduzida pela premissa da construção e atribuição de um legado aos fatos vividos pelo herói. Por isso, a questão que circunda o zelo quanto ao reconhecimento da imagem de alguém perante os demais cidadãos põe-se nitidamente atrelada às práticas do indivíduo que deseja ser possuidor dessa notoriedade do *kléos*. Trata-se, então, de uma glória atribuída, cujo esplendor mostra-se subordinado à conduta motivada pela não aceitação do limite imposto pelo esquecimento. Em outras palavras, a memória seria para os gregos a evidência de que o louvor aos atos heroicos não poderia se restringir às delimitações cercadas pela mortalidade, tendo em vista a magnitude que estaria por trás de toda a trajetória vivida ilustremente pelos dignos de *kléos*, isto é, os heróis.

Contudo, descrever a importância do *kléos* para a formação de uma memória eterna nos eventos narrados por Homero, pressupõe assumir duas posturas inequivocamente delimitadas às particularidades de cada obra. Tratar de *kléos*, *memória* e *esquecimento*, na *Ilíada*, exige, em primeiro momento, a solidificação do conceito de bela morte, que, em particular nesse poema, é o meio pelo qual se manifesta a importância da memória aos gregos e evidencia como esta sustenta, por vezes, a legitimação do *kléos*. Nos termos de Jean Pierre Vernant (1979), a bela morte é entendida como o processo por meio do qual

O feito heroico se enraíza na vontade de escapar ao envelhecimento e à morte, por inevitáveis que sejam, de a ambos ultrapassar. Ultrapassa-se a morte acolhendo-a voluntariamente, em vez de a sofrer de forma involuntária,

tornando-a a aposta constante de uma vida que toma, assim, valor exemplar, e que os homens celebrarão como um modelo de glória imorredoura. O que o herói perde em honras prestadas à sua pessoa viva, ao renunciar à longa vida para escolher a pronta morte, ele o torna a ganhar cem vezes mais na glória de que fica aureolada, por todos os tempos vindouros, a sua personagem de defunto. (VERNANT, 1979, p.40)

Com base nisso, nota-se que o ato heroico da bela morte, ao contrário do que pode soar a leigos, confere imortalidade ao herói da *Ilíada* através da memória, haja vista que seu nome e seu *kléos* estarão presentes no canto dos poetas, sobretudo pelo fato de o guerreiro ter escolhido para si esse destino, cuja principal decorrência é a fixação de seu legado na memória coletiva da sociedade. Isso posto, convém analisar a importância da memória à perpetuação do *kléos* de dois personagens dessa narrativa, a saber: Heitor e Aquiles.

Analisando o caso de Heitor, o representante dos troianos na guerra de Tróia narrada ao longo da *Ilíada*, é possível constatar que para ele é preferível ganhar a eternização de sua glória por meio da lembrança a permanecer vivo e, portanto, predestinado ao escárnio do esquecimento. Dessa forma, embora soubesse que caminhava diretamente rumo à morte, uma vez que seu oponente, Aquiles, mostrava-se indestrutível, a fala do troiano no canto XXII da *Ilíada* é bem clara no que diz respeito ao valor da memória:

Inevitável, a morte funesta de mim se aproxima. Há muito tempo, decerto, Zeus grande e seu filho frecheiro determinaram que as coisas assim se passassem, pois, sempre benévolos, eles soíam salvar-me; ora o Fado me alcança. Que, pelo menos, obscuro não venha a morrer, inativo; hei de fazer algo digno, que chegue ao porvir, exaltado. (HOMERO, *Ilíada*, XXII, v. 300-306).

Heitor, como se vê, concede prioridade ao seu legado heroico de forma tal que o leva a renunciar à própria vida e ao destino de seu povo. Daí a concepção que conduz ao balanceamento dos ideários gregos no que tange à priorização de se manter reconhecido perante as futuras gerações como quem abdicou da graça de viver em nome da glória eterna.

Ainda na *Ilíada*, observa-se, também, outro exemplo de tentativa de driblar o esquecimento no canto IX, quando Aquiles, o representante dos gregos, anuncia sua decisão de morrer prematuramente a favor de sua glória. Na voz de Homero, o protagonista da *Ilíada* teria afirmado seu desejo da seguinte maneira:

Tétis, a deusa dos pés argentino, de quem fui nascido, já me falou sobre o dúplice Fado que à morte há de dar-me; se continuar a lutar ao redor da cidade de Tróia, não voltarei mais à pátria, mas glória hei de ter sempiterna; se para

casa voltar, para o grato torrão de nascença, da fama excelsa hei de ver-me privado, mas vida mui longa conseguirei, sem que o temor da Morte mui cedo me alcance. (HOMERO, *Ilíada*, IX, v. 410-416)

Assim como Heitor, Aquiles busca a glória eterna por meio da morte. Essa morte à qual ambas as personagens se entregam conscientemente, por sua vez, lhes concede o escape ao esquecimento, sinônimo de fracasso e irrelevância na vida. Com isso, depreende-se que o foco do herói homérico consiste justamente no alcance da glória eterna oriunda da imortalidade de sua fama, ou seja, da propagação de seu *kléos* por meio da lembrança retomada pelo evento poético. Em linhas gerais, o que está em jogo não é que se perde, mas o que há de ganhar-se; perde-se a vida vivendo e posteriormente caindo em esquecimento, ganha-a morrendo de forma memorável.

Por outro lado, a temática do *kléos*, *memória e esquecimento* na *Odisseia*, diferente do que é visto na *Ilíada*, não se restringe à questão da bela morte, uma vez que, nessa obra, a narrativa não é centrada no confronto da guerra de Tróia, mas sim em seu contexto subsequente. Aliás, destaca-se uma ressignificação de tais conceitos, principalmente pelo fato de Odisseu contrapor-se a Aquiles ao passo que desafia a premissa da morte como prenúncia da glória eterna.

Durante o enredo de *Odisseia*, Odisseu demonstra que a concepção de bela morte não era mais o suficiente para satisfazer as necessidades do herói homérico, tendo em vista o valor que esse clássico em especial confere ao *nóstos*. O *nóstos* seria, então, o regresso para casa, que, por conseguinte, opunha-se ao *kléos* do ponto de vista iliádico, já que não pressentia a necessidade de morrer, a fim de ser eternizado na memória coletiva.

Logo, se para ser possuidor da glória eterna na *Ilíada* o herói precisa ser destituído de *nóstos* na *Odisseia*, contrariamente, mostra-se a possibilidade de que a memória seja respeitada, mesmo à luz do regresso. Configura-se, assim, uma incongruência em relação ao sacrifício de Aquiles quando comparado à jornada de Odisseu, gerando uma revisitação ao herói da *Ilíada* no canto XI da *Odisseia*, onde nesse episódio ele diz: “Ora não venhas, solerte Odisseu, consolar-me da morte, pois preferiria viver empregado em trabalhos do campo sob um senhor sem recursos, ou mesmo de parques haveres, a dominar deste modo nos mortos aqui consumidos”. (HOMERO, *Odisseia*, XI, v. 488 - 491)

Percebe-se, pois, que a aparição de Aquiles na *Odisseia* ilustra demasiada amargura do herói quanto ao ato de morrer em prol da glória. Isso,

ademais, abre espaço a questionamentos como: a bela morte teria sido uma questão de conveniência por parte de Aquiles? O temor ao esquecimento seria uma espécie de sentimento convencionalizado na cultura grega? O devir seria uma alegoria? Tais questionamentos, embora não disponham de respostas, mostram-se úteis à construção de uma visão distintiva entre as duas concepções de esquecimento presentes na épica homérica.

Outra cena que serve de exemplo é o episódio narrado no canto V da *Odisseia*, o qual versa sobre a estadia de Odisseu na ilha de Calipso, a deusa que insiste em ter o herói sob seus domínios. Ao oferecer a imortalidade a Odisseu mediante a sua companhia, Calipso também coloca à disposição da escolha do herói a imortalidade. Entretanto, visando a conclusão de sua jornada de volta a Ítaca, ou seja, o alcance de seu *nóstos*, Odisseu opta por sua mortalidade, uma vez que a enxerga como único meio através do qual conseguirá desfrutar de seu *kléos*. Por isso, a exclusividade desse personagem salienta nele duas virtudes que não podem ser vistas em Aquiles, pois enquanto o herói da *Ilíada* é ao mesmo tempo destituído de *nóstos* e possuidor do *kléos* lembrado pelos aedos, o da *Odisseia* é capaz de reter para si um *kléos* realizado concomitantemente ao *nóstos*.

Em síntese, depreende-se que a poesia homérica se responsabiliza por estabelecer duas maneiras distintas de tratar a tríade formada por *kléos*, *memória* e *esquecimento*. Se por um lado, na *Ilíada*, é possível perceber o apreço à morte como condicionamento da glória memorável, por outro, na *Odisseia*, a morte heroica não se mostra tão precípua assim ao alcance da eternidade. Porém, em linhas gerais, os dois enredos são capazes de mostrar aspectos transcendentais da vida do herói homérico, como, por exemplo, o caráter dos feitos ilustres que, em ambos os contextos, se inserem como premissas básicas à condição do não esquecimento. Tem-se, portanto, a figura de Odisseu como o herói que põe em posição de crítica determinados paradigmas sólidos introduzidos pela *Ilíada* com a figura de Aquiles, sobretudo no que diz respeito à noção de glória.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HOMERO, *Ilíada*. Trad.: Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

\_\_\_\_\_. *Odisseia*. Trad.: Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

GABRECHT, Ana. A celebração da moral heroica na *Ilíada* de Homero.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

*Nuntius Antiquos*, Belo Horizonte, n. 4, dez. 2009. Disponível em: <[http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/nuntius\\_antiquos/article/viewFile/2062/2011](http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/nuntius_antiquos/article/viewFile/2062/2011)>. Acesso em: 10/05/2019.

VERNANT, Jean Pierre. A bela morte e o cadáver ultrajado. *Discursos*, n. 9, São Paulo: USP, 1979. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/discurso/article/view/37846/40573>>. Acesso em: 10/05/2019.